

Novos pontos de vista sobre a tradução intersemiótica: resenha do livro *Intersemiotic Translation: Literary and Linguistic Multimodality*

Henrique Manenti Felisberto

A utilização da intersemiótica como ferramenta para a comunicação sempre se fez presente no contato humano e surge como peça indispensável para nossa evolução, visto que os estímulos verbais e não verbais que recebemos precisam ser decodificados e recodificados constantemente para que sejam interpretados de maneira eficaz e tornem a troca de conhecimento possível. Em se tratando desta realidade, o livro *Intersemiotic Translation: Literary and Linguistic Multimodality* busca elucidar como a tradução intersemiótica e a multimodalidade podem ser constatadas no campo da literatura e de que modo seu entendimento pode beneficiar tradutores na produção de traduções mais fiéis às obras originais. É importante ressaltar que, embora o conceito de fidelidade possa ser considerado ambíguo e dependa de um referencial de análise, o livro não possui o objetivo de trazer reflexões acerca do tema ou explicar diretamente o que considera uma tradução fiel. Sendo assim, é apenas a partir de fragmentos de informação entregues no texto que o leitor é capaz de criar sua própria interpretação de fidelidade.

O livro, organizado pela pesquisadora Aba-Carina Pârlog, do Departamento de Linguagens e Literaturas Modernas da Universidade do Oeste de Timișoara, é uma coletânea que contém um capítulo introdutório, cinco artigos sobre o tema discutido e um capítulo de conclusão; todos elaborados exclusivamente pela própria autora. Os capítulos, sem exceção, apresentam resumos dos tópicos que serão

discutidos e palavras-chave, que auxiliam na leitura e na recapitulação, pois, por se tratar de uma coletânea com temática única, mas com artigos de diferentes tópicos, o resumo possui o objetivo de revisar e relembrar o conteúdo abordado. Além disso, as obras apresentadas como exemplos ao longo dos capítulos são produções em língua inglesa traduzidas, em sua maioria, para o romeno e o francês. Contudo, neste artigo, os títulos das obras serão apresentados em português brasileiro.

Na introdução, Pârlog (2019) inicia oferecendo uma visão geral a respeito da coletânea e da importância da tradução intersemiótica no campo acadêmico e da tradução profissional, de modo a justificar o estudo da semiótica que, segundo a autora, é um ramo pouco explorado na academia quando comparado à linguística, semântica, fonética e os estudos da tradução. Apesar de a leitura mostrar-se de difícil compreensão, em alguns momentos, devido às mudanças bruscas de tópico entre os parágrafos, e a apresentação de resumos dos assuntos abordados em cada artigo soar redundante, visto que há um resumo no início de cada capítulo, a autora esclarece que um dos objetivos de se estudar a tradução intersemiótica é adquirir conhecimento acerca dos processos envolvidos na criação de uma obra para que se ofereça maior riqueza de detalhes possível na língua alvo. De acordo com Pârlog, a compreensão do *background* do(s) autor(es), sua linguagem corporal, verbal e escrita, o contexto histórico no qual está inserido, a escolha das palavras, imagens e sons da obra, a cultura de onde fora produzida e diversas outras características inter e intralinguais auxiliam na elaboração de uma tradução mais fidedigna ao trabalho original, pois entrega uma interpretação da narrativa mais aproximada às intenções de seu(s) criador(es).

Uma abordagem mais pragmática estabelece território no segundo capítulo, no qual a autora divide seu artigo intitulado *Intersemiotic Translation and Multimodality*, ainda que de forma implícita, em duas partes: na primeira, apresenta o complexo conceito formulado por Roland Posner para descrever os tipos básicos de semiótica, chamados “o sinal, o indicador, a expressão e o gesto” (POSNER, 1993, minha tradução)¹; na segunda, tenta interpolar tais conceitos com a explicação dos diversos usos da palavra “coração” encontrados tanto na língua inglesa quanto na romena e francesa. Embora seja possível entender que o significado de “coração” parta da compreensão da expressão corporal, por isso o tema se encaixe na tradução intersemiótica, a transição da primeira para a segunda parte pode soar assíncrona por falta de elementos que conectem a teoria utilizada aos exemplos apresentados em seguida. Pârlog, entretanto, recupera-se da instabilidade quando exemplifica

1 [the signal, the indicator, the expression and the gesture]

a representação da palavra “coração” em amostras que partem da Bíblia e vão até a peça teatral *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare, denotando a validade de sua pesquisa.

No capítulo subsequente, *Aesthetics, Discourse and Ekphrasis*, a autora explora a multimodalidade da intersemiótica ao citar as traduções de códigos não-verbais para verbais, os quais Jakobson (1959, p. 233) chama de transmutação. Segundo a autora, “[a]s fórmulas semióticas disponíveis em cada uma das artes são expressas usando um discurso diferente daquele que os inspirou” (PÂRLOG, 2019, p. 23, minha tradução)².

O leitor, então, é introduzido à noção de *ekphrasis*, termo que denota a produção de textos literários a partir de códigos não-verbais, seja na transformação de uma imagem em descrição ou de um som em poesia. Nota-se, desta vez, uma abordagem mais cuidadosa na apresentação de seu referencial bibliográfico, visto que a autora se preocupa em retomar constantemente as diferentes subcategorias do termo *ekphrasis* para que se entenda mais facilmente seus exemplos. Ainda, o artigo em questão traz novamente a linguagem corporal à cena ao explicar como é possível identificar, interpretar e traduzir a palavra rosto, a qual serve de derivado na criação da expressão idiomática *false face*, presente em *Macbeth*, de William Shakespeare, e do pronome composto *facecrime*, em *1984*, de George Orwell.

A seguir, em *Visual and Verbal Code Translation*, Pârlog passeia por discussões mais teórico-filosóficas ao apresentar os três tipos de códigos que permeiam a relação do indivíduo com o mundo. Conforme descritos por Chandler (2002), trata-se dos códigos sociais, textuais e dos interpretativos. Ademais, discorre sobre os subcódigos presentes em cada tipo, dando enfoque maior aos códigos ideológicos, dos quais partem, por exemplo, os discursos de poder hegemônico. Aqui, Pârlog, ao passo que compila autores que dissertam sobre discursos que possuem caráter manipulativo, apresenta, com mais asserção, sua visão quanto à problemática, conforme se constata no trecho a seguir: “O hábito comum das pessoas de se concentrar apenas nos interesses imediatos por causa da falta de tempo, juntamente com as preocupações diárias, urgentes ou não, contribuem para o desenvolvimento da ignorância sobre a realidade que nos cerca” (PÂRLOG, 2019, p. 33, minha tradução).³ É nítida, a

2 [the semiotic formulas available in each of the arts are expressed by using a different kind of discourse than the one which inspired them]

3 [people’s general habit of focusing only on one’s immediate interests because of the lack of time, together with daily concerns either urgent or not, contribute to the development of ignorance about one’s surrounding reality]

partir deste ponto, a tessitura de críticas quanto ao controle do comportamento humano em nome da tradicionalidade da cultura – elemento que torna o texto rico em ideias e discussões.

Infelizmente, disposta entre informações edificantes e opiniões interessantes, encontra-se uma reflexão duvidosa. Ao falar sobre a tradução intersemiótica de fotografias comuns, a autora evoca determinada explicação que vaga pelo campo do esoterismo, conforme evidencia-se a seguir:

As cores, mímicas, linhas, objetos, fundos, possíveis códigos verbais incluídos na fotografia conectam conjuntos de signos passados com os presentes determinando mudanças inexplicáveis do presente ou futuro da pessoa. Conjuntos de signos invisíveis influenciam a vida de uma pessoa por sua mera energia que flutua dependendo de suas atividades. No entanto, traduzir intersemióticamente mensagens esotéricas é apenas o dom de alguns e seu treinamento vai além do simples conhecimento da língua de origem e da língua alvo, conforme exige o processo tradicional de tradução (PÂRLOG, 2019, p. 37, minha tradução).⁴

Mesmo que o debate e a confrontação de ideias sejam positivos e incentivados no âmbito das ciências humanas (ou de qualquer ciência, no geral), e apesar de tal discussão não se desprender por mais de uma página, seu aspecto impossível de ser comprovado diminui o rigor científico com o qual o artigo vinha sendo construído com primazia, acendendo um sinal de alerta para a necessidade de uma leitura mais crítica e cautelosa.

Em *Direct and Indirect Intralingual Translation*, Pârlog discorre sobre os tipos de transposições que podem acontecer dentro de uma mesma língua, de acordo com Jakobson (1959), os quais podem possuir caráter direto, quando a tradução se dá mediante rephraseamentos ou parafraseamentos, ou indireto, por meio da adaptação ou tradução livre. Trata-se do texto mais simples e, por consequência, mais digestível devido ao seu caráter didático. Novamente, a autora se utiliza dos textos de Shakespeare e de sua poesia para esclarecer as traduções intralinguais. Além destes, traz um trecho do texto de *Paráiso Perdido*, de John Milton (1667),

4 [the colours, mimics, lines, objects, background, possible verbal codes included in the picture connect past sign sets with present ones determining unexplainable changes of the person's present or future. Unseen sign sets influence one's life by their mere energy which fluctuates depending on one's activities. However, intersemiotically translating esoteric messages is only the gift of a few and one's training in it goes beyond one's simple knowledge of source language and target language as the traditional process of translation demands]

explora sua relação com a Bíblia e mostra a reinterpretação que dois tradutores romenos realizaram dele e, em seguida, valendo-se de *Alice Através do Espelho e O Que Ela Encontrou Por Lá*, de Lewis Carroll (1982), faz o recorte das palavras inventadas encontradas no poema de Jaguardati para exemplificar as acepções que a tradutora romena precisou realizar para reformulá-las. A questão da fidelidade textual é retomada, assim como a sua definição permanece não discutida.

Em seu penúltimo capítulo, intitulado *The Constraints of Interlingual Translation*, o termo “tradução fiel” é utilizado logo nas palavras-chave que acompanham o resumo e, desta vez, mesmo que implicitamente, é possível inferir o que é considerado fidelidade na concepção da autora, visto que é citado o método de tradução fiel de Newmark (1995) – embora não se explique qual seja – e asserções sobre como uma tradução de qualidade deve ser feita sejam proferidas. O artigo toca levemente a superfície do processo de tradução do Google Tradutor, chamado de Google Neural Machine Translation, que, segundo Pârlog, apesar de ser aprimorado com o tempo, nunca chegará à capacidade de tradução humana, pois há códigos mais profundos enraizados na genética humana: a linguagem é um organismo vivo, e tão vivo deve ser seu interlocutor para compreender todos os seus caminhos. Ademais, há sutilezas que os tradutores automáticos não são capazes de contextualizar, principalmente ao se traduzir literatura, a modalidade de tradução mais difícil de ser realizada – de acordo com a autora – devido às metáforas, criações e interpretações que advêm do original. A partir desta perspectiva, é analisada a tradução romena da obra *A Dama e o Unicórnio*, de Tracy Chevalier (2003), e críticas são realizadas à forma como a sua tradutora se permitiu retocar o texto original, excluindo erros propositais, mudando adjetivos e rephraseando orações; distanciando, assim, a versão romena do original inglês e produzindo uma cópia infiel.

Por fim, o último capítulo perpassa por todos os artigos reunidos na coletânea e reitera as principais conclusões da autora de forma concisa, servindo como uma revisão para lembrar os pontos-chave do livro. É a seção com mais ideias e de maior voz autoral, possuindo diversas citações relevantes e até mesmo provocantes, que seria oportuno mencionar aqui, não fosse sua grande quantidade e o fato de terem sido discutidas em alguma medida ao longo desta resenha. Destaca-se, portanto, um trecho do parágrafo de encerramento da conclusão de Pârlog que justifica a criação de sua coletânea e incentiva o estudo da tradução intersemiótica:

Os signos, os símbolos e sua grande variedade que os faz funcionar como parte de diferentes sistemas de significado criam inteligências necessárias para um processo de comunicação bem-sucedido, que é o objetivo de todas

as formas de multimodalidade. Sem a semiótica, o indivíduo se perderia na atividade de codificar significados e não seria capaz de interagir de forma sensata e conectar-se de maneira pertinente para que a troca de mensagens fosse possível de forma adequada e natural (PÂRLOG, 2019, p. 72, minha tradução).⁵

Devido ao fato de a autora não gastar suas linhas no início do texto explicando termos que serão reintroduzidos mais adiante, *Intersemiotic Translation: Literary and Linguistic Multimodality* é um livro que pode parecer mais complexo do que realmente é, porém, conforme o texto avança, diversas perguntas que estavam sem explicação são respondidas, seja diretamente – como o caso do porquê a figura corporal está atrelada a inúmeras palavras e significados tanto em línguas germânicas quanto nas românticas – ou indiretamente – como no caso da fidelidade na tradução. Sendo assim, sua leitura é extremamente pertinente se consideradas duas condições: (1) o leitor conhecer termos relacionados à semiótica e, (2) o leitor se vestir de um olhar crítico, principalmente nos trechos que deixam transparecer o lado mais religioso da autora. Livros como este cumprem seu propósito de satisfazer a curiosidade do leitor, aprimorar seu desenvolvimento crítico e lançá-lo em novas leituras acadêmicas e literárias através de suas referências bem recheadas.

Referências bibliográficas

JAKOBSON, Roman. “On linguistic aspects of translation”. In: Brower, Reuben (ed.) *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1959. p. 232-239.

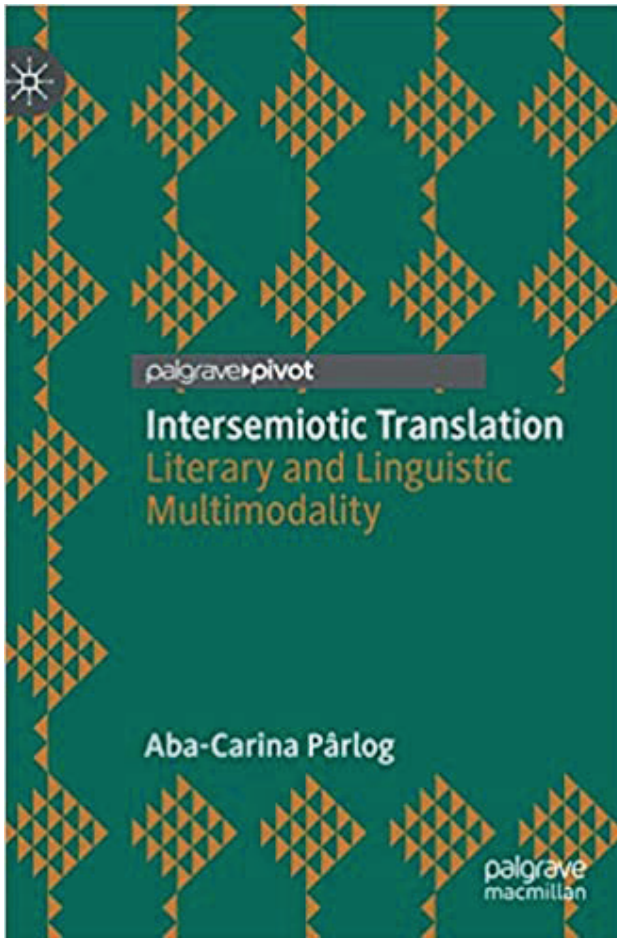
NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. Nova Iorque: Phoenix ELT, 1995.

PÂRLOG, Aba-Carina. *Intersemiotic Translation: Literary and Linguistic Multimodality*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

POSNER, Roland. “Believing, Causing, Intending: The Basis for a Hierarchy of Sign Concepts in the Reconstruction of Communication.” In: René J. Jorna, Barend van Heusden & Roland Posner (eds.) *Signs, Search, and Communication: Semiotic Aspects of Artificial Intelligence*. Berlim e Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1993.

5 [Signs, symbols and their great variety which makes them function as part of different systems of meaning create frames of intelligence necessary for a successful process of communication, which is the aim of all multimodality forms. Without semiotics, one would get lost in the activity of coding meaning and would be unable to interact sensibly and connect pertinently, so that the exchange of messages may be possible in a suitably natural way]

Anexo



[Figura 1. Harvey Loake. “Capa do livro *Intersemiotic Translation: Literary and Linguistic Multimodality*”. Aba-Carina Pârlog, *Intersemiotic Translation: Literary and Linguistic Multimodality*, Cham, Palgrave Macmillan, 2019]